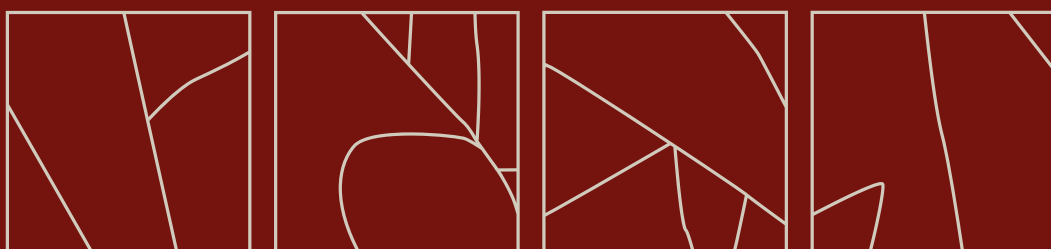
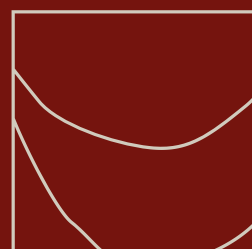
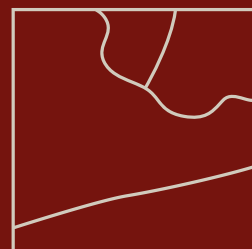




QUAL O PAPEL  
DOS MUSEUS DIANTE  
DO ANTROPOCENO?

Hugo Menezes Neto



# ARTES, MUSEUS E ANTROPOCENO

**COORDENAÇÃO** Ariana Nuala  
Gleyce Kelly Heitor  
Henrique Falcão  
Nayara Passos  
Jamille Barros

**ORIENTADOR** Hugo Menezes Neto

**INTERLOCUTORES** Alexandro Silva de Jesus  
Ana Cláudia Rodrigues  
Camila Santos  
José Jorge de Carvalho  
José Marcelo Marques Ferreira  
Rita Vênus

**BOLSISTAS RESIDENTES** Igor Guilherme Carneiro da Silva  
José Guilherme Pandolfi  
Suzan Araújo

**DIAGRAMAÇÃO** Filipe Aca

# QUAL O PAPEL DOS MUSEUS DIANTE DO ANTROPOCENO?

Hugo Menezes Neto<sup>1</sup>

O instigante projeto *Artes, Museus e Antropoceno* é uma ação promovida pela Oficina Francisco Brennand (OFB) em parceria com o Departamento de Antropologia e Museologia (DAM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e com o apoio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe). Em seus dois anos de atividades, o projeto se mostrou ser uma iniciativa (auto)crítica elaborada para a reflexão sobre como uma instituição de memória e patrimônio cultural, tal qual a Oficina Francisco Brennand, lida com o tema mais urgente da atualidade: o colapso ambiental devido à ação destrutiva de certos grupos humanos. Desde o princípio, o projeto se preocupou com a compreensão das narrativas e dos repertórios imagéticos e discursivo que povoam a Oficina em confronto com o tema da emergência ecológica, pensando que se trata de um espaço em meio a uma reserva florestal (no bairro da Várzea, em Recife-PE), tomado pelas obras do reconhecido artista Francisco Brennand, que tem na natureza e na mitologia suas principais fontes de inspiração. O projeto, com seus bolsistas pesquisadores/as de áreas distintas, se inscreve na potência da experiência museal para a produção de uma crítica decolonial à elaboração de narrativas públicas e às estratégias de produção de verdade, eixos estruturantes dessas instituições. Por fim, como maior legado, contribuiu para a

---

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Antropologia e Museologia (DAM) e do programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Orientador acadêmico do projeto *Artes, Museus e Antropoceno*, da Oficina Francisco Brennand. hugo.menezesnt@ufpe.br

formação de jovens acadêmicos e também, por meio de ações de grande alcance, de um público interessado pela discussão que aponta a perpetuação ou a subversão de lógicas hegemônicas que engendram práticas irreversivelmente destrutivas.

Interessa aos partícipes do projeto – desde pesquisadores/as até a grande audiência que acompanhou as ações ao longo dos últimos anos – a construção de trincheiras protegidas pelos muros de museus tradicionais em revisão, com vistas à desmobilização de paradigmas culturais (auto)destrutivos da modernidade e do capitalismo. Consequentemente, interessa a produção de espaços simbólicos e físicos em busca de fabular novas formas possíveis de viver e partilhar o mundo com outros seres viventes; de preservar o planeta, reverter a catástrofe ou estancar a hemorragia, que não seja apenas um espaço para testar soluções do capitalismo verde e do desenvolvimento (in)sustentável.

A Oficina Francisco Brennand, em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco, se movimentou, ao longo desses dois anos, para gerar contribuições ancoradas em questões prementes para a sociedade na atualidade, aquelas que deveriam ser caras aos museus, tais como qualidade de vida, desenvolvimento humano, bem-estar, igualdade social, epistemicídio, racismo ambiental, ecofeminismo e socioambientalismo. Considerando a relevância do papel social dos museus, foram empenhados esforços para problematizar processos contemporâneos de despolitização desses espaços em virtude do seu compromisso (ou adesão ideológica) com as diretrizes neoliberais, forjadas nas chaves do turismo alienante e predatório e da noção empobrecida de empreendedorismo da sustentabilidade alegórica.

Como efeito inadvertido, os trabalhos desenvolvidos no âmbito do projeto *Artes, Museus e Antropoceno* ressignificam a relação desgastada entre museus e sustentabilidade e oferecem um esperançar importante em meio ao caos, pautando a capacidade imaginativa e a força de mobilização e transformação social desses espaços cuja gênese carrega o comprometimento com a conscientização e a politização.

O Antropoceno – esse grito de alerta sobre o fim da vida humana na Terra ou o fim do mundo tal qual o conhecemos – mobiliza a ciência e as ideias sobre meio ambiente, acionando a natureza como suporte à interdição do Outro. Nesse senti-

do, a pergunta que melhor sintetiza as preocupações de um projeto sobre museus no Antropoceno é: quais são as potências e os limites da arte e da narrativa artística, dos patrimônios e das musealias enquanto linguagem política para discutir a inscrição da cidade brasileira no debate ecológico do século XXI?

Na tentativa de responder tão ampla questão ou de atender ao convite de um jogo retórico baseado numa sabida aporia, os/as bolsistas pesquisadores/as desenvolveram conexões entre seus trabalhos. Essas reflexões, disponíveis a seguir, ajudam a pensar a crise ou a instabilidade constitutiva das noções de espaço e tempo, estruturantes das discussões patrimoniais; a crítica à ideia de “destruição” por meio da gestão das responsabilidades, da produção de ruínas (no sentido real e metafórico) e da emergência de re-narrações (Daas, 2020) sobre a “crise ambiental” (Latour, 2020); a “precarização da vida” (Butler, 2019); e as expulsões (e guerra dos lugares) na cidade contemporânea (Sassen, 2016; Rolnik 2015).

O projeto é bem-sucedido em sua dimensão formativa e em suas contribuições aos debates que forjam o Antropoceno, tensionando noções e narrativas do senso comum, como, por exemplo, aquelas ligadas à violência geo-histórica da natureza (Latour, 2020), as quais propõe que os fenômenos naturais são uma força irrefreável e imprevisível que provoca a destruição do patrimônio. Numa virada de perspectiva, os conteúdos gerados pelo trabalho de pesquisa apontam para a destituição da natureza como parte da maquinaria patrimonial (Jeudy, 2005), como constituinte indelével dos projetos de urbanidade e de desenvolvimento, como imperativo das narrativas artísticas; por conseguinte, destacam o dolo dos gestores dos patrimônios e os novos movimentos de reparação oriundos dos museus.

Uma outra evidente narrativa tensionada diz respeito ao consenso acerca do dever da conservação patrimonial para as gerações futuras, colocada em xeque quando nos situamos no Antropoceno e seu “futuro-que-acabou” ou “presente sem porvir” (Danowski; Viveiros de Castro, 2017). A aporia existente na relação entre salvaguarda patrimonial e ausência de futuro desestabiliza sentidos de tempo e espaço que organizam a produção de memória. Logo, o que significa a preocupação com

o patrimônio e a arte em uma época que “embora tenha começado conosco, muito provavelmente terminará sem nós?” (Danowski; Viveiros de Castro, 2017, p. 20), ou como ainda acionar o antigo repertório moral e político conservacionista ancorado nas premissas artísticas e patrimoniais quando ele se mostra obsoleto para deflagrar uma crítica à destruição ambiental do passado-presente e, por conseguinte, incapaz de, a partir da análise em retrospecto, projetar o futuro em ruínas?

O projeto *Artes, Museus e Antropoceno* enxerga o seu *locus* de pesquisa, a Oficina Francisco Brennand, como inserido de uma maneira singular na cidade. Por sua vez, as cidades são verdadeiros “ecossistemas de perturbação humana” (Tsing, 2019), forjados na destruição ambiental, na violência colonial e na lógica excludente e desigual do capitalismo. Uma cidade como Recife, em sua perspectiva museal ou artístico-patrimonial, se organiza com base no conflito estruturante entre a autodestruição ecológica, anunciada há décadas, e o ímpeto de celebração dos seus vestígios.

O material exposto a seguir é composto de ensaios dos/a bolsistas/a, produto de seus investimentos de leitura e pesquisa. Tratam-se de textos produzidos por discentes de graduação, da Universidade Federal de Pernambuco, selecionados/a ainda no início das atividades. Esses estudantes passaram por capacitações, formações e debates, vendo suas discussões amadurecerem e ampliando seu referencial bibliográfico e metodológico. Suzan Araújo, aluna do curso de Museologia, escreveu o ensaio *A natureza feminina na arte brennandiana: perspectivas frente ao Antropoceno*; José Guilherme Pandolfi, discente do curso de História, é autor de *O canavial: Oficina Francisco Brennand, museu-plantation e natureza no plantationoceno*; e Igor Guilherme Carneiro da Silva, aluno do curso de Ciências Sociais, produziu o trabalho intitulado *Ocupa Oficina: contribuições epistemológicas para uma abordagem crítica do Antropoceno*.

Suzan Araújo refletiu sobre o feminino na obra brennandiana no espaço museal, que ela entende como um “local com potencial para reflexão acerca da reivindicação emancipatória de corpos e da natureza, premissa do ecofeminismo com a qual me alinho pensando na ideia de Antropoceno que atravessa nossas pesquisas”. A pesquisadora concentra esforços na análise de algumas obras da exposição *Devolver a*

terra à pedra que era: 50 anos da Oficina Brennand (2021/2023) com o objetivo de contribuir com o campo no que concerne à análise da dimensão feminina em parte do conjunto escultural da arte brennandiana exposta em seu espaço de consagração. Como desdobramento, ela intenta, ainda, explorar como a natureza se manifesta nesse contexto, “tanto pela naturalização dos papéis sociais impostos às mulheres quanto pela histórica ligação entre mulher/feminilidade e natureza, e sua implicação contemporânea na esteira das reivindicações ecofeministas”.

Suzan Araújo chama a atenção para o legado de Francisco Brennand: um conjunto artístico ligado às reflexões sobre a origem da vida, especialmente por meio de seres mitológicos. Para ela, há uma “aparente harmonia apaziguadora do universo brennandiano, no qual fauna e flora coexistem harmoniosamente; certas figuras destacam-se por suas histórias que introduzem elementos de caos nesse imenso éden”. Logo, a autora se dedica a analisar como as esculturas são símbolos a serviço da exaltação de uma força feminina relacionada à função materno-reprodutora no mundo, enfatizando como isso pode se conectar ao Antropoceno, ao colapso ambiental e ao ecofeminismo. Como efeito premeditado, Araújo mexe com a decodificação de imagens emblemáticas, algumas com alto teor poético e erótico, e ainda com a naturalização do feminino ou a feminização mitológica do natural. Então, conclui que a perpetuação do discurso masculino compromete a capacidade dos museus de promover a diversidade no espaço cultural: “Essa revisão crítica, além de desconstruir representações limitadoras, pode abrir caminhos para novas vozes e discursos, enriquecendo a experiência museal e estimulando um diálogo mais inclusivo sobre gênero, arte e sociedade”.

O ensaio de José Guilherme Pandolfi parte da localização privilegiada da Oficina Francisco Brennand – no centro de um trecho de 30 mil m<sup>2</sup> de Mata Atlântica, margeada pelo Rio Capibaribe – para pensar que, se há um colapso ambiental, ele não apenas se projeta na Oficina como é também efeito dela. Em sua observação perspicaz, “A Oficina é perpassada pela natureza por todos os ângulos e é, em si, por ela constituída”. O seu ponto de partida, entretanto, não oferece pistas para o/a leitor/a prever a forte crítica produzida ao longo das páginas do seu ensaio. Pandolfi en-

gendra uma perspectiva histórica para informar que a natureza que contorna e constitui a Oficina é de uma mata recente, reflorestada. Seu objetivo com isso é recuperar a memória de que, até o fim do século XIX, o território onde hoje é o Museu era ocupado por um engenho de cana-de-açúcar. Assim, ele passa a associar o sistema econômico do Brasil colônia, a *plantation*, que com a cana-de-açúcar estruturou a sociedade do Nordeste do Brasil, com a consolidação de uma elite açucareira da qual faz parte os antepassados de Francisco Brennand e também com uma lógica museal, que Pandolfi ousadamente conceitua de “museu-*plantation*”.

No argumento de José Guilherme Pandolfi, o imaginário da monocultura da cana-de-açúcar não escapa à obra do artista, mas aparece de forma branda ante o efeito devastador da *plantation* na natureza e na sociedade. O artigo serve para evidenciar a Oficina Francisco Brennand como um lugar privilegiado para pensar a relação entre *plantation* e crise ambiental, bem como a posição da instituição museal diante desse cenário. Dessa maneira, o artigo “buscará investigar as possibilidades de atuação da Oficina Francisco Brennand nessa ‘era da *plantation*’, levando em consideração as marcas históricas do território, que já foi engenho de cana-de-açúcar”. Nessa escrita, o autor entrega, com forte contribuição ao debate museal e museológico, o conceito de museu-*plantation* tal qual instituição “aterrada” em um território de memória colonial, com forte presença de uma narrativa elogiosa da monocultura. Em seus termos, ele questiona: “de que maneira a experiência histórica da *plantation* condicionou a fundação de museus na região canavieira? Até que ponto a categoria de museu-*plantation* é válida para outros museus, para além da Oficina Francisco Brennand e para além da própria zona da cana?”.

O trabalho de Igor Guilherme Carneiro da Silva tem dimensões etnográficas e toma como objeto de pesquisa o Ocupa Oficina, uma ação do Programa de Educação e Pesquisa cujo objetivo é levar artistas periféricos e mestres/as da tradição para ocupar artisticamente o território da Oficina com seus saberes e práticas. O autor enfatiza a força da atividade sistemática desses/as convidados/as dentro de um espaço de consagração artística e legitimação de narrativas, memórias e histórias, como o



é a OFB. Silva ilumina o epistemicídio como ferramenta eficaz da colonialidade para os processos de opressão e subalternização, portanto, ele reflete como epistemes são invisibilizadas pelo circuito de museus públicos e privados que monopolizam recursos e narrativas de autoridade. Partindo dessa premissa, Silva produziu uma breve etnografia sobre algumas edições do Ocupa Oficina, observando a atividade e os/as protagonistas. O seu ponto de partida foi pensar criticamente, por meio do conceito de (re)ocupação, a relação entre museus, epistemicídio e Antropoceno:

Meu ponto de partida foi pensar que o Antropoceno tornou-se um conceito polêmico à medida que várias implicações políticas e históricas o cercaram, sendo ele, em suma, um conceito que fala sobre o processo de apropriação dos recursos da natureza por meio da expropriação do direito à existência de diversos agentes humanos e não humanos. Parte do processo inscrito no conceito de Antropoceno se localiza antes da extinção de uma parcela da humanidade, a começar pela aniquilação de saberes e práticas de povos não ocidentais, racializados e generificados, que foram subalternizados e, por fim, extintos. Logo, o Antropoceno se faz também no epistemicídio. Podemos, então, pensar que o Ocupa Oficina sugere, diferentemente do que achavam os modernos, que não é necessário dividir para conquistar, mas se unir para revolucionar, pois é preciso buscar a coexistência de saberes e não a legitimação de um em detrimento da destruição de outro.

Está no cerne desse profícuo ensaio uma discussão que evoca a relação tensa entre saberes tradicionais e institucionais no território de um museu biográfico de um artista renomado e de família abastada. O intuito declarado de Igor Guilherme Carneiro da Silva é analisar a potência de espaços museais para legitimar narrativas e produzir conteúdo crítico, desarticulando, na medida do possível, a armadilha da colonialidade. Como ponto de chegada, constata que a interação com a diferença e com a diversidade promove diferentes formas de ver o mundo e de, como arremate, cuidar

da natureza. Nesse sentido, a principal medida de enfrentamento ao Antropoceno – ou, talvez, a mais urgente – seria uma espécie de abertura para a escuta, o aprendizado e a troca com epistemes que sofreram tentativa de extermínio ao longo da história. Assim, o pesquisador define: “o Ocupa Oficina mostra uma forma prática de se colocar em xeque a crença cega na autoridade do museu, proporcionando então uma reflexão crítica através de uma oficina e da vivência de novas experiências”.

O conjunto de ensaios oferecidos à sociedade pelo projeto *Artes, Museus e Antropoceno* reflete os investimentos da Oficina Francisco Brennand em fomentar uma crítica ao universo dos museus normativos/tradicionais e uma oportunidade de aprender com a autocrítica qualificada, atentando para a aderência dos museus à agenda liberal-capitalista despreocupada com os efeitos do Antropoceno. Esse é um tema importante para debates do campo da Museologia, pois, como bem ressalta Ulpiano de Meneses (2013, p. 53): “se o museu se eximir da obrigação de aguçar a consciência crítica e de dar condições para o seu exercício, estará apenas praticando uma forma mascarada de autoritarismo que os museólogos tanto têm exposto à execração”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. *Corpos em alianças e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DANOWSKI, Déborah, VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há um mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: ISA, 2017.

DAS, Veena. *Vidas e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Ed. UNIFESP, 2020.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Ubu Editora, 2020.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: Figueiredo, Betânia Gonçalves; Vidal, Diana Gonçalves. *Museus: dos gabinetes de curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte: Ed. Fino Traço, 2013. p. 15-89.

ROLNIK, Raquel. *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Boitempo, 2015.

SASSEN, Saskia. *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global*. São Paulo: Paz & Terra, 2016.

TSING, Anna L. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IBMil Folhas, 2019.



## MANTENEDOR

---



GrupoCornélioBrennand

## PATROCÍNIO

---



## PROJETO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA

---



## REALIZAÇÃO

---

MINISTÉRIO DA  
CULTURA

